



IV JORNADA DE
PESQUISA EM
PSICOLOGIA
DESAFIOS ATUAIS NAS
PRÁTICAS DA PSICOLOGIA

25 e 26 de novembro de 2011
UNISC - Santa Cruz do Sul

UM OLHAR SISTÊMICO SOBRE A INFIDELIDADE E SUAS IMPLICAÇÕES

Dulce Grasel Zacharias

Emanueli Paludo

Gabrielli Menezes Guedes

Gabriely da Fontoura Winter

Letícia Staub Limberger

Vivian Silva Da Costa

Universidade de Santa Cruz do Sul

Resumo

Este artigo visa uma revisão teórica acerca da infidelidade seja ela no casamento ou fora dele e qual seriam suas implicações, utilizando-se de um olhar sistêmico para dar aporte aos assuntos pesquisados. Buscou-se entender a infidelidade através de variadas concepções criadas a respeito do assunto, sendo que de cultura para cultura há uma variação muito grande no seu significado. Verificou-se ainda questões referentes a busca pela terapia de casal e para que fins esta pode ser útil, de forma a abordar-se assuntos referentes ao divórcio e suas implicações.

Abstract

This article is a theoretical review about infidelity on marriage or outside it and what its implications would be, using a systemic perspective to give input to the matters investigated. We tried to understand infidelity through various conceptions created on the subject, and from culture to culture, there is a wide variation in its meaning. There was also questions regarding the search for marital therapy and for what purposes it may be useful in order to address issues related to divorce and its implications.

Introdução

Tendo cumprido etapas de desenvolvimento da infância, adolescência e juventude, o homem e a mulher, num movimento natural de separação e individuação em relação à sua família de origem, voltam-se para a eleição e a conquista de um parceiro. ROSA LÚCIA SEVERINO (1996).

O casamento é um marco que ocorre quando dois adultos resolvem se unir a fim de cultivar uma vida em conjunto e formarem uma família. Sabe-se que estas pessoas por mais que se conheçam antes do casamento, ainda assim serão estranhas, porém cultivam um objetivo em comum: a tentativa de desfrutar os prazeres inerentes à vida a dois, com seus filhos e continuar seu desenvolvimento (COSTA, 2006). Em outras palavras, há a criação de um novo sistema – individuado de suas famílias de origem - sendo que as principais funções giram em torno da sexualidade, companheirismo e da intimidade.

Este processo de formação de um sistema marital acarreta algumas mudanças e para que existam maiores chances de sucesso é necessário que os integrantes da relação empenhem-se no compromisso de desenvolver o novo sistema. Para isso é importante que haja uma separação com a família de origem de cada cônjuge, não havendo aproximação excessiva, nem grande distanciamento.

Através dos tempos, o casamento vem sofrendo inúmeras transformações decorrentes de diversos fatores - econômicos, culturais, sociais, entre outros – o que auxilia na mudança da concepção dos sujeitos acerca desta instituição e de sua funcionalidade (OSÓRIO, 2002).

Hoje, os relacionamentos conjugais assumem diversas formas, caracterizados como uma relação afetiva com intimidade e relacionamento sexual. Os casais podem configurar diferentes modos: morar juntos em uma mesma casa, ou não; serem heterossexuais ou homossexuais, ter a possibilidade de optarem por filho, etc (ROSSET, 2002). Podemos, então, entender o casamento como a escolha de duas pessoas em “conviverem numa relação estável e que implica assumirem compromissos mútuos, oferecendo suporte para as necessidades sociais, afetivas e sexuais” (SEVERINO, 1996, p. 78).

Buscou-se através deste trabalho obter um entendimento sistêmico acerca da infidelidade dentro ou fora do casamento e algumas dimensões que a cercam, incluindo questões como monogamia, casamentos abertos, (in)fideliade e relacionamentos extraconjugais, de forma a tentar entender que questões emergem e quais suas implicações nos casamentos, assim como em divórcios. Além, de questões referentes a procura pela terapia de casal e para que fins esta pode ser útil, seja com objetivo de “salvar o nosso casamento” ou mesmo assuntos referentes ao divórcio (como falar ao cônjuge sobre a sua escolha) e suas implicações.

Entendendo o Casamento e suas Mudanças Através dos Tempos

Casamentos são uniões que acontecem entre dois indivíduos, sendo que estas uniões foram se diversificando no decorrer dos séculos. A origem da palavra “conjugal” é latim e é formada pelos termos *cum*: que remete a idéia de união ou companhia juntamente com *jagum*: que significa domínio.

Antigamente – e até mesmo hoje, em culturas como a muçulmana - uma prática muito comum eram os casamentos arranjados, aqueles onde a família era encarregada pela função de arranjar o cônjuge para seus filhos. Na maioria das vezes esta prática ocorria em decorrência de interesses financeiros, o que caracterizava o casamento como um negócio, criando uma idéia de caráter aprisionador para a relação conjugal, como aponta Osório, (2002).

Situações como estas não permitiam ao casal o direito de escolha, uma vez que esta união era entendida muito mais como uma aproximação de famílias, do que uma união de dois sujeitos que tem sentimentos de ante mão (TURKENICZ, 1995).

Outra característica marcante a respeito da relação conjugal diz respeito a uma prática que por séculos foi reforçada, e que apenas recentemente tem sido questionada. Esta prática diz respeito aos papéis de homem e mulher dentro de um casamento. Durante anos esperou-se das mulheres atitudes relacionadas ao cuidado da casa e dos filhos, assim como recato e submissão. Dos homens esperava-se que proovessem sustento para sua família e tomassem as decisões de grande importância (TURKENICZ, 1995).

A questão do gênero contribui na construção de um sistema de crenças, que já estão estabelecidas antes mesmo do nascimento da pessoa, pois há um discurso de que certas coisas cabem ao homem e outras a mulher, como “homem não chora” e “mulheres são dóceis e amáveis”. O contexto social no quais homens e mulheres foram criados irá trazer implicações no modo com estes experimentarão as relações de intimidade (SEVERINO, 1996). É possível observar na sociedade atual que mudanças quanto ao modo de nos relacionamos com a questão do gênero já estão sofrendo mudanças.

O casamento monogâmico, característico do mundo ocidental, tem sua origem atrelada ao êxito da propriedade individual sobre o comunismo. A noção de fidelidade associada com tal conceito de família monogâmica surge vinculada ao interesse de posse e poder das famílias em manter um reconhecimento de filhos legítimos para que a passagem

de propriedades e capital continuasse numa mesma família (OSÓRIO, 2002). De acordo com Pittman (1994), nem todas as pessoas respeitam a monogamia, a honestidade e a intimidade, atribuindo um maior valor a um conjunto de valores bem diferentes no que se refere à fidelidade e infidelidade.

Na atualidade pode-se verificar que existem variados tipos de casamentos. Existem os recasamentos, onde os envolvidos esperam que esta nova relação não ocorra os mesmos erros anteriores. Os casais alternativos, onde não há acordos de cuidados recíprocos, planejamentos futuros e compromissos de fidelidade. Existem também os casais homossexuais, que estão cada vez mais conquistando seu espaço na atualidade, como o reconhecimento da união homoafetiva.

Os casais sem filhos são outro tipo de casal que está ganhando seu espaço, seja por planejamento ou devido à infertilidade, e não por escolha própria. Estes casais, muitas vezes acabam sucumbindo ao peso de um casamento sem filhos, quando são muito esperados. Outro tipo de casal contemporâneo muito comum são os casais que trabalham juntos, estes relacionamentos correm o risco de deixar pouco espaço para as suas individualidades, é fundamental que cada casal tenha seu espaço individual. Os casais em migração também estão muito cotados nos dias atuais, estes se referem à aqueles casais que optam por mudar de cidade, estado e até país, geralmente em função da carreira de um ou de outro, deve-se ter cuidado em relação a não considerar a vontade do outro nesta escolha (SOUSA, 2003)

Relacionamentos Extra-Conjugais e a (In)Fidelidade

De acordo com Prado (2009), “muitos dos segredos familiares têm em seu cerne algum relacionamento extraconjugal, seja pela carga imensa de passionalidade, bem como pelas implicações morais” que atravessam este tema. Apesar de todo preconceito envolvido neste assunto, a frequência com que as relações extraconjugais vêm ocorrendo é impressionante. Essas relações têm diversos objetivos, desde objetivos voltados apenas pelo prazer sexual ocasional até os casos amorosos longos e extremamente envolventes (PRADO, 2009).

Num relacionamento extraconjugal o que ocorre é uma disputa entre dois indivíduos tendo um terceiro como objeto de interesse, ocasionando uma triangulação relacionada com a fidelidade e confiança entre o casal. A partir de um acordo de fidelidade também está em jogo uma posição narcísica num lugar especial na vida do outro, a partir da infidelidade surge

a dor narcísica de ser destituído deste lugar de destaque.

A fidelidade também pode ser pensada como um substituto da paixão. Na paixão a intensidade dos sentimentos faz com que o casal sinta-se indisponível para relações com terceiros, mas quando este interesse volta a despertar pode ser indicativo do fim da paixão, entretanto, há outras formas de sentimentos amorosos, mas de natureza diferente como a fidelidade (PITTMAN, 1994).

Existe muita teorização sobre o que vem a ser infidelidade, como nas relações conjugais também surgem concepções diferentes sobre este conceito (Rosset, 2004). De acordo com o autor podemos definir infidelidade como uma quebra de confiança, a traição de um relacionamento onde um acordo foi quebrado.

Cada casal define seus acordos e o que é considerado traição ou não, fica a encargo dos sujeitos da relação. Estas definições podem depender de inúmeras variáveis, como as crenças em relação a casamentos (ROSSET, 2004), todo o indivíduo já conviveu ou esteve próximo de casais em sua vida e a maneira como estas relações se dão acabam corroborando para crenças pessoais sobre o funcionamento do casamento. Sendo assim, podemos pensar que um indivíduo que viveu boa parte de sua vida recebendo informações e vendo situações de infidelidade que acarretaram muitas brigas e sofrimento - quando partirem para seus relacionamentos - todos estes acontecimentos contribuirão para suas crenças na construção de sua relação.

Mas o que leva a pessoa a trair? Devemos compreender os sujeitos em sua totalidade, a sociedade em geral vê o ato de infidelidade como algo imoral e condenável, pois afinal foi jurado perante “Deus, amar-te e respeitar-te”. O que acontece é que os motivos que levam os sujeitos a traírem podem ser dos mais variados, na maioria dos casos, gerados dentro do relacionamento conjugal (COSTA, 2006).

Para Pittman (1994), a infidelidade rompe com a confiança existente no casal, é a traição de um relacionamento. A infidelidade pode até não ser a pior coisa que um parceiro faça ao outro, mas pode ser a mais capaz de destruir um casamento – não só pelo sexo, mas por causa das mentiras ditas ao parceiro. Afinal, a infidelidade ainda é o principal elemento disruptivo das famílias, é a experiência mais temida e devastadora em um casamento, sendo uma das justificativas de maior aceitação para o divórcio.

Se existe diferença entre as pessoas em geral, as diferenças entre homem e mulheres são maiores ainda, Rosset (2004) aponta que os relacionamentos correm riscos maiores

quando homens e mulheres não reconhecem que além de biologicamente diferentes também se utilizam de formas diferentes para lidar com os conflitos da vida. Queremos dizer que homens e mulheres diferem em suas reações, tendo em vista que, além de questões de gêneros, os sujeitos tem suas crenças pessoais que podem ter sua fonte na cultura, questões ideológicas, religiosas e etc.

Toda relação extraconjugal é difícil de ser compreendida, entretanto continuar convivendo com o parceiro que pratica a traição, movida por motivos morais, financeiros, ou medo de começar uma vida individuada do cônjuge pode acabar por gerar maior sofrimento e humilhação. Corre-se ainda o risco de nas relações extraconjugais encontrar uma afinidade maior com este parceiro, resultando em separação do cônjuge (PITTMAN, 1994).

Os maiores problemas envolvidos com a infidelidade são a culpa e o ciúme. Sendo que se forem superados, a infidelidade pode deixar de ser um problema, mas não é o que acontece, pois a culpa e o ciúme raramente são superados. O ciúme é a emoção mais mal-entendida, podendo em algumas vezes ser considerado como o verdadeiro teste do amor, pois muitas pessoas não são capazes de tolerar o ciúme do outro, podendo até perceber este ciúme como uma evidência de desconfiança por parte do companheiro (PITTMAN, 1994).

O ciúme pode ser uma emoção normal, adequada e inclusive necessária. Ele é a consciência de uma distancia e interferência em um relacionamento de compromisso. Todos nós o experienciamos. Ele se desenvolve quando sentimos que nosso parceiro não está mais tão estreitamente conectado conosco como gostaríamos (PITTMAN, 1994, p. 48).

Além do ciúme e da culpa, tem-se ainda de lidar com a raiva, que em muitas vezes pode vir a ocasionar situações bem conflituosas, saber lidar na medida certa com a raiva não é muito fácil, quando ela é expressa de maneira brutal pode-se ter a perda do amor e se não expressada também. A maneira mais aconselhável é ir expressando-a aos poucos quando ainda se encontra em menor proporção, acrescentando energia para a relação, pois os sentimentos negativos em relação ao outro vão se acumulando, podendo explodir a qualquer momento vindo a gerar rompimentos, magoas, etc (ROSSET, 2004).

Existem diversas formas de relações extraconjugais, dentre elas, encontramos aquelas que ajudam na estabilidade do casamento, evitando o divórcio. Outros já podem ser caracterizados como momentos de amor que podem enriquecer a vida de pessoas casadas,

ocorrendo em alguma etapa da vida de casado. Ou também casos em que as relações se desenvolvem em momentos complicados e que deixam um rastro de destrutividade. Há também aqueles relacionamentos que exercem uma função importante nos casamentos, ou seja, inicia uma crise conjugal que proporcione oportunidades de crescimento, entre muitas outras formas de relacionamentos extraconjugais (PRADO, 2009).

Com relação às diversas formas de infidelidade, hoje mais uma possibilidade se apresenta, que é a traição virtual onde aparece um novo triângulo o do casal e da tecnologia. Cada vez mais as pessoas se distanciam do contato pessoal em direção a um contato virtual, o que pode favorecer o aumento das queixas em relação ao parceiro e a infidelidade.

Os computadores pessoais, o correio eletrônico, a internet, os telefones celulares, as secretárias eletrônicas, o identificador de chamadas, os aparelhos de fax, as televisões com 160 canais – todos esses e muitas outras modernidades têm começado a desafiar e a dar novas formas à comunicação entre os casais: sua busca de significados, as formas de eles vivenciarem o tempo, as suas escolhas de atividades de lazer, os rituais diários, as fronteiras entre o trabalho e a vida em família, as formas de interação entre pais e filhos e as importantes definições sobre o que é secreto e a privacidade (BLACK, 2002, p. 61).

Ao fazer uma revisão bibliográfica percebemos que na (in)fidelidade há uma contradição entre a permanência de valores tradicionais, como estabilidade, segurança, fidelidade, e outros considerados modernos, como experimentação, privacidade, autonomia, independência. Pode ser observada uma “fidelidade paradoxal” onde há um contraste entre o valor da fidelidade conjugal e os expressivos índices de infidelidade. Percebe-se assim, uma fidelidade ilusória, pois apesar da alta probabilidade de que o/a parceiro/a seja ou tenha sido infiel, deseja-se acreditar no contrário (ARENT, 2009).

Como citado anteriormente no texto, o casamento monogâmico tem por finalidade a manutenção dos bens da família dentro da mesma, de forma que este vincula-se ao interesse de posse e poder das famílias em manter filhos legítimos para a passagem de bens. Mas devemos fazer uma reflexão acerca da época em que esta tradição foi criada, pois atualmente no mundo contemporâneo, não se pode dizer que estas práticas fazem muito sentido, uma vez que é possível manter relacionamentos extraconjugais sem

necessariamente haver reprodução. Durante a década de 70 houve uma revolução nos modos de relacionar-se, devido primeiramente ao movimento hippie e segundo ao desenvolvimento dos métodos anticonceptivos, que deram tanto as mulheres quanto aos homens a possibilidade de relacionar-se sem a sombra de uma possível gravidez.

Segundo Menezes (2005) pessoas infiéis relatam que a perda da atração pelo companheiro é também um dos motivos que as levam a trair, de forma que o desejo acaba por sucumbir frente a convivência. Outrora, homem ou mulher acabam por concluir que o parceiro não é mais aquele com que se casaram, ocasionando o deterioramento do desejo, das fantasias sexuais, abrindo espaço para uma terceira pessoa que poderá surgir para preencher esse vazio (Matarazzo, 2000).

De acordo com Bolsanello (2000), quanto mais longo for o casamento, maiores serão as possibilidades de desilusão. Suas origens podem ser variadas, como por exemplo: conflitos emocionais, excesso de trabalho, manias do parceiro que acabam ocasionando brigas e desavenças, longas separações, longos silêncios, enfim uma série de fatores que tendem a levar ao tédio do dia-a-dia. Porém, não podemos ser generalizadores, pois sempre haverá aqueles casais que mesmo com anos de convivência serão capazes de manter viva a chama da paixão, de forma a perdurar o comprometimento e a fidelidade.

Terapia de Casal: Mudando a Relação

Segundo Rosset (2004), todo casal pode resolver de alguma forma suas dificuldades, porém na prática isso nem sempre é possível. Sendo que as dificuldades deste casal podem servir de alavanca para maiores aprendizagens e crescimento, podendo ser em processo terapêutico ou não. Sabe-se que para que haja uma solução nos problemas ambas as partes devem estar interessadas nessa solução.

Muitos casais procuram terapia para que o terapeuta indique um culpado, como se este fosse um juiz que possa vir a julgar quem está certo ou não, mas também existem casos em que um dos dois vai à terapia apenas para demonstrar que tem boa vontade, também há aqueles que vêm apenas com o intuito de ir levando a situação conflituosa como está, entre outros motivos (ROSSET, 2004).

O comprometimento da terapia de casal é relacionado com a promoção da saúde emocional dos membros da relação e não com a manutenção ou a ruptura do casamento. Em pesquisa realizada por Feres-Carneiro (1998), num acompanhamento ao longo de três

anos, com 16 casais em terapia, houve a busca de verificação de relações existentes entre a vivência da individualidade e da conjugalidade, os diferentes tipos de escolha amorosa e a ruptura ou não dos casamentos.

A terapia de casal sob a ótica sistêmica utiliza recursos variados, é necessário escutar o casal no que um e outro consideram importante referir, construindo conjuntamente hipóteses sobre a situação, tanto atual como passada – este seria um trabalho a nível verbal. Outro recurso pode ser o não-verbal que inclui a utilização de fotografias da infância e do casamento, técnicas psicodramáticas, atividades gráficas e de escultura, entre outros recursos que o terapeuta achar pertinente (SEVERINO, 1996).

O genetograma pode ser utilizado como método diagnóstico e de intervenção terapêutica, este recurso trabalha com as famílias de origem e oferece a visualização gráfica de fatos significativos do casal e da história de cada um. Além disso, propicia um espaço pessoal, onde são trabalhadas questões individuais que favorecem a diferenciação. Através do genetograma observa-se os movimentos de mudança ocorridos na geração atual e nas anteriores, podendo assim, identificar os padrões repetitivos do funcionamento familiar (SEVERINO, 1996).

Outras técnicas podem ser a prescrição de tarefas, a utilização de jogos, humor e metáforas, a inclusão dos filhos na terapia, a co-terapia, entre outras. Segundo Severino (1996), “a prescrição de tarefas tem sido uma técnica de intervenção muito utilizada em terapia de casal, podendo ser tarefas conjuntas ou individuais, constituindo ou não na prescrição do sintoma”. O brincar e o humor podem propiciar a expressão lúdica através da utilização do simbólico e do imaginário, criam a possibilidade de deslocar os conflitos para um campo neutro onde tudo é possível. Já a inclusão dos filhos na terapia é outra possibilidade para trabalhar com o casal, os filhos podem oferecer indicadores importantes para serem trabalhados, muitas vezes os filhos são o motivo da consulta, mesmo que logo se perceba que o conflito maior está situado na relação do casal, daí a importância de trabalhar com todo o grupo familiar. A co-terapia é outro recurso utilizado no tratamento de casais que significa a presença de dois terapeutas, isto pode aumentar o poder terapêutico, diluir alianças e evitar o emaranhamento com o casal (SEVERINO, 1996).

A terapia de casal também pode ser a terapia do divórcio, geralmente nesta situação um dos cônjuges não quer a separação e freqüentemente não tem motivação para colaborar, o fato de permanecer em terapia pode contribuir numa “boa” separação. A terapia de casal

pode tanto contribuir na melhora e manutenção do casamento como também na decisão pelo divórcio (WALDEMAR, 1996).

Fim do relacionamento: vamos ao divórcio?

Hoje há um aumento no número de divórcios/separações, podemos dizer que isto se deve em decorrência do movimento feminista, da maior liberdade sexual e dos métodos anticonceptivos, que trouxeram mais autonomia as mulheres; outros fatores que contribuíram para o aumento de divórcios são a dependência financeira aos pais e ao valor prioritário na busca da realização pessoal mesmo que isto acarrete certo sofrimento a algumas pessoas (WALDEMAR, 1996).

A literatura psicanalítica aponta que uma das maiores dificuldades do ser humano é lidar com a separação e a perda (COSTA, 2006). O divórcio pode vir a representar muitas perdas, podendo se tornar um impasse onde os casais optam por ele e logo se arrependem, a consequência disso pode ser várias idas e vindas no relacionamento.

Uma pessoa que se encontra no fim de seu relacionamento pode vir a usar este momento como forma de fortalecer-se e conhecer a si mesmo. Lidar com a dor na hora do rompimento não é uma tarefa fácil, mas torna-se necessária e terapêutica, todo este processo de sofrimento prepara a pessoa para um novo relacionamento, o importante é olhar a relação e sentir que aquele tempo não foi perdido e que muita coisa pode se tirar da experiência de um relacionamento conjugal. (ROSSET, 2004).

Muitos cônjuges que tomam a iniciativa do divórcio podem passar a serem mal vistos pelo círculo de amizade, segundo Costa (2004) isto se dá pela possibilidade de com sua atitude promover um movimento identificatório ameaçando alguns casais que não se encontram em um momento muito seguro de sua relação, lógico que isso se trata das fantasias que as pessoas fazem, muito comum em pessoas imaturas.

Também deve ser levado em consideração o posicionamento do sujeito em relação ao companheiro, no sentido de se sentir dono da pessoa, o famoso sentimento de posse que pode ser um fator de grande valia para o envenenamento da relação conjugal levando ao divórcio e no decorrer deste (OSÓRIO, 2002).

O processo de separação torna-se mais complicado quando o casal possui filhos (ROSSET, 2002) este processo mexe com uma série de sentimentos e emoções, pois até então se tinha um projeto de vida o qual se encontra em “total fracasso”, e explicar esta situação

para os filhos requer uma maturidade e uma visão clara de papéis, que muitas vezes não esta clara para o casal em questão se tornando um fator de risco para o desenvolvimento saudável dos filhos e das famílias, respeitando as historia de ambos e mantendo os papéis parentais e suas respectivas funções.

Segundo Waldemar (1996, p. 175), “apesar de hoje em dia a separação ser mais aceita, ela traz ainda fortes sentimentos de fracasso, frustração, raiva e desejo de vingança”. O autor coloca ainda sobre as consequências da separação, onde geralmente a mulher assume a maior responsabilidade sobre os filhos e com a maior perda financeira, já com o homem ocorre um distanciamento dos filhos, sendo que uma minoria aproveita a separação para aumentar a interação com os filhos.

Uma possibilidade após o divórcio é a construção de um novo relacionamento, chamado por muitos autores de recasamento, assim ocorrem as novas configurações familiares que assumem as mais diversas formas. Alguns desafios se apresentam, como lidar com as perdas e mudanças; negociar as diferentes necessidades de desenvolvimento; estabelecer novas tradições; desenvolver uma sólida relação marital e formar novos relacionamentos; criar colaboração entre os pais; aceitar frequentes mudanças na composição das casas (WALDEMAR, 1996).

Falando-se em famílias reconstituídas, podemos citar alguns mitos construídos como: *o mito da madrasta ruim*, os padrastos também podem enfrentar a mesma situação e ficarem imobilizados na frente dos enteados receosos de receberem tal estigma; *o mito do amor instantâneo* refere-se à expectativa de que só por as pessoas estarem juntas logo passarão a se amar; é importante discutir que *a ligação da criança com o genitor antecede a do novo casal*, deve-se evitar colocar-se numa posição antagônica a do filho (WALDEMAR, 1996).

Considerações Finais

A noção de casal e casamento encontra-se num processo de transformação acompanhando as mudanças que ocorrem na sociedade, onde há um novo paradigma no que se refere à sexualidade, atualmente, esta se centra na priorização do prazer e não mais da procriação, além disso, o casal pauta-se mais pelo respeito às individualidades do que ao domínio sobre o parceiro. Temos também uma gama maior de formas de relacionamento, como os casais homossexuais.

Com o decorrer dos tempos, o preconceito em relação ao divórcio vem diminuindo, a aceitação das traições também vem reduzindo. Até o século passado a relação extraconjugal era aceita, principalmente por parte das mulheres, que ficavam caladas frente às traições, com medo de serem rejeitadas perante a sociedade e sua família primária devido ao divórcio, entretanto, com o desenvolvimento do movimento feminista estes conceitos vieram sendo desmistificados e aceitos.

Pode-se observar que com o passar dos anos muitos papéis foram redefinidos, ambos masculinos e femininos, isto se deve a inúmeros fatores, entre eles o feminismo, o mercado de trabalho, a mídia. Muitos casais atualmente encontram dificuldades lidando com estes novos papéis, ou até mesmo na tentativa de incorporar estas novas formas de agir e se relacionar.

A terapia de casais e família pode ser vista como uma oportunidade de se entender melhor como funcionam estas relações, quais são suas fraquezas e disfuncionalidades, de forma que estas pessoas que buscam ajuda possam entender e possivelmente melhorar aquilo que as aflige, obtendo uma relação saudável e funcional.

Referências

ARENT, Marion. (In) fidelidade feminina: entre a fantasia e a realidade. *Psicol. clin.* [online]. 2009, vol.21, n.1.

BLACK, I. E. O novo triângulo: os casais e a tecnologia. In: PAPP, Peggy (Org.). Casais em perigo: novas diretrizes para terapeutas. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BOLSANELLO, A. Conselhos: análises do comportamento humano em psicologia. Curitiba: Editora Educacional Brasileira, 2000.

COSTA, G. P. "Conflitos da vida real". Porto alegre: Artmed, 2006.

FERES-CARNEIRO, T. "Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade." *Psicol. Reflex. Crit.* [online]. 1998, vol. 11, n.2, pg. 379-394.

MATARAZZO, M. H. Amar é preciso: os caminhos para uma vida a dois. São Paulo: Gente, 2000.

MENEZES, G. B. Infidelidade: fatores psicológicos e sociais na ocorrência da traição. Trabalho de Conclusão do Curso, Faculdade de Psicologia. Centro Universitário Luterano de Manaus – Manaus: ULBRA, 2005.

- OSORIO, L. C. "Casais e Famílias: uma visão contemporânea". Porto Alegre: Artmed, 2002.
- OSÓRIO, L. C. Terapia de Famílias: Novas Tendências. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PITTMAN, F. *Mentiras Privadas*: a infidelidade e a traição da intimidade. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- PRADO, L. C. O casamento e as relações extraconjugais. In: Manual de Terapia Familiar. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- ROSSET, S. M. "O casal nosso de cada dia": Curitiba, 2004.
- SEVERINO, L. R. Casais Construindo seus Caminhos: a Terapia de Casal e a Família de Origem. In: FAMÍLIAS e terapeutas: construindo caminhos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- SOUSA, A. D. **A Família Informal**: As Novas Espécies de Família não Fundadas no Casamento. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.
- TURKENICZ, Abraham. **A aventura do casal**: uma abordagem teórico-clínica. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 117p
- WALDEMAR, O. J. Divórcios e Recasamentos: Enfrentando o Desconhecido. In: Famílias e terapeutas: construindo caminhos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

Sobre os Autores:

Dulce Grasel Zacharias: Mestre, professora, supervisora e pesquisadora do Departamento de Psicologia. Coordenadora do projeto de pesquisa intitulado A realidade do crack em Santa Cruz do Sul, vinculado a UNISC e Tutora do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde - PET-Saúde/Saúde Mental/Crack e outras drogas. Atualmente chefe do Departamento de Psicologia. Residente à rua Linha João Alves 703. E-mail: dulce@unisc.br

Emanuelli Paludo: Discente do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista de Iniciação Científica (PUIC) da pesquisa intitulada "Teste Gestáltico Visomotor de Bender e Desenho da Figura Humana na Chuva: proposta de validação". Bolsista voluntária do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-SAÚDE/SAÚDE DA FAMÍLIA) na Estratégia da Saúde da Família (ESF Senai), Bairro Senai, da cidade de Santa Cruz do Sul. Estagiária do Serviço Integrado em Saúde (SIS/UNISC).. manupaludo@live.com

Gabrielly da Fontoura Winter: Discente do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista de Iniciação Científica (PUIC) da pesquisa intitulada "A realidade do crack em Santa Cruz do Sul". Bolsista do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde/Saúde Mental/Crack e outras Drogas) no Centro de Atenção Psicossocial à Infância e Adolescência (CAPSIA) da cidade de Santa Cruz do Sul.. gaby-winter@hotmail.com

Gabrielli Menezes Guedes: Discente do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista de Ensino da Disciplina de Pesquisa Aplicada à Psicologia II, na UNISC.

gabimg82@gmail.com.

Letícia Staub Limberger: Discente do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista de Iniciação Científica (PUIC) da pesquisa intitulada “GAIA – Grupo de Ações e Investigações Autopoiéticas – Desdobramento II”. Bolsista voluntária do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde/Saúde Mental/Crack e outras Drogas) no Centro de Atenção Psicossocial à Infância e Adolescência (CAPSIA) da cidade de Santa Cruz do Sul. lestaub@gmail.com

Vívian Silva da Costa: Discente do curso de Psicologia da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Bolsista PROBEX- Programa de Bolsas de Extensão- do Núcleo de Saúde Coletiva (NSC) da Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC. Integrante voluntária da pesquisa intitulada “Teste Gestáltico Visomotor de Bender e Desenho da Figura Humana na Chuva: proposta de validação”. viviscossta@yahoo.com.br